

CM Comunidade em Movimento

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Rainho, O.Carm. -- ANO VII -- II Série -- Nº. 52 -- Fevereiro de 2001



PATRIARCA DE LISBOA, D. JOSÉ POLICARPO NOMEADO CARDEAL



O Bispo da nossa Diocese, D. José Policarpo, foi nomeado cardeal pelo Papa João Paulo II, no passado dia 21 de Janeiro. Juntamente com ele foram nomeados mais 36 cardeais entre os quais outro português, D. José Saraiva Martins que é Perfeito da Congregação da Causa dos Santos.

A nossa comunidade paroquial partilha com toda a nossa Diocese a alegria de ver o seu pastor escolhido para este novo serviço à Igreja, sobretudo porque passará a fazer parte de um grupo de homens que tem como missão principal aconselhar o Papa bem como eleger o próximo.

Unamo-nos em oração com nosso Bispo e a toda a Igreja, especialmente nos próximos dias 21 e 22 de Fevereiro, quando em Roma decorrerem as cerimónias de criação dos novos cardeais, pedindo que o Senhor os ilumine e conduza neste novo serviço que Deus e a Igreja os incumbiu de realizar.

A celebração do consistório

Dois actos solenes celebram a criação de novos Cardeais: a 21 de Fevereiro realiza-se o Consistório Ordinário Público e no dia imediato uma Concelebração Eucarística.

No primeiro os novos cardeais recebem o Barrete Cardinalício e a Bula da sua Criação. No segundo recebem o Anel Cardinalício sinal de dignidade, de solicitude pastoral e de mais sólida comunhão com a Sé de Pedro.

O Consistório Ordinário Público para a criação de novos Cardeais é realizado na forma de uma cerimónia litúrgica (Liturgia da Palavra). Depois da saudação inicial, o Santo Padre lê a Fórmula da Criação dos Cardeais proclamando o seu nome; seguem-se as leituras bíblicas e a homília do Santo Padre; após a homília, os novos purpurados recitam o Credo e pronunciam o juramento de fidelidade e obediência ao Sumo Pontífice e seus sucessores. Seguidamente é imposto pelo Santo Padre a cada um dos Cardeais o Barrete Cardinalício e entregue a Bula de Criação.

Breve apontamento histórico

A origem do Colégio dos Cardeais perde-se nos tempos recuados da história da Igreja Católica. Originalmente o termo "Cardeal" referia-se em qualquer diocese a um clérigo (diácono, padre ou

bispo) que fosse elevado a uma posição diferente daquela para que fora ordenado. Em Roma, os Cardeais-Diáconos eram diáconos que tinham sido deslocados e encarregados de serviços sociais para as dezoito regiões de Roma; os Cardeais-Presbíteros eram padres temporariamente incumbidos de certos Santuários ou Basílicas para serviços litúrgicos especiais. O mesmo era verdadeiro para os Bispos das sete Dioceses em redor de Roma quando vinham a Roma por causa de serviços litúrgicos especiais em S. João de Latrão, a Catedral de Roma. Eram os Cardeais-Bispos.



Dada a sua posição como principal clerezia de Roma com certas responsabilidades litúrgicas, foi um desenvolvimento lógico os Cardeais tornarem-se os principais conselheiros do Papa. Parece ter sido este o caso a partir do Pontificado de Leão IX. O seu papel como conselheiros foi fortalecido quando se tornaram nos únicos eleitores do Papa, em 1059.

Vão decrescendo os concílios provinciais e crescendo o lugar do Colégio Cardinalício que a partir do ano de 1150 é constituído como tal tendo a presidência um Decano e um Vice-Decano. Este Colégio é visto como o Senado do Papa que além de o eleger e aconselhar para a Igreja de

Roma o aconselha para toda a Igreja.

Funções dos Cardeais segundo o Direito Canónico

- Desde 1059 são os eleitores exclusivos do Papa. Esta função eleitoral está determinada na Constituição Apostólica Romano Pontifici Eligendo, de 01.10.1975. Na referida Constituição é definido que o número de eleitores não deve ultrapassar os 120.
- Os Cardeais são conselheiros privilegiados do Papa, quer em forma de Colégio, de modo particular no Consistório, ou ainda em outros conselhos, e de forma individual na presidência dos principais Dicasterios e Conselhos da Cúria, e ainda da forma em que o Santo Padre o deseje consultar.
- São membros do Consistório, no qual o limite de idade de 80 anos não é tido em conta.

Número actual de cardeais

O número de Cardeais flutuou ao longo dos tempos. Em 1586, Sisto V estabeleceu o número máximo de Cardeais em setenta, evocando os setenta anciãos escolhidos por Moisés (Éxodo 24,1). De 1586 a 1958, o número efectivo de Cardeais situou-se geralmente entre sessenta e setenta, embora à morte de Pio XII houvesse apenas cinquenta e cinco.

João XXIII ignorou este limite, e o Colégio cresceu para mais de oitenta Cardeais. Em 1970, Paulo VI reformou o Colégio dos Cardeais aumentando-lhes o número de eleitores para 120, sem contar os com mais de 80 anos de idade que já não podem ser eleitores. No Consistório de 1998 João Paulo II derrogou o limite, nomeando mais 2 ou 3 Cardeais para além dos 120 eleitores. Neste momento existem 143 Cardeais, dos quais 45 debam de ser eleitores até ao dia 22 de Fevereiro de 2001, cerca de cinco deixarão de ser eleitores entre 22 de Fevereiro e Dezembro de 2001. Há 22 vagas no Colégio Cardinalício para eleitores. O Papa pode ainda derrogar o limite dos 120 nomeando alguns outros como fez em 1998.

Geograficamente os cardeais estão assim divididos: Europa - 69; América - 42; África - 15; Ásia - 14; Oceania - 3.

Aconteceu...

Vai acontecer

REUNIÃO DO CONSELHO PASTORAL

No passado dia 21 de Janeiro, reuniu durante todo o dia, na Casa do Gaiato, o Conselho Pastoral, órgão representativo de toda a Paróquia e que, com uma função consultiva, decide sobre as principais orientações pastorais, apresentando-as ao Pároco para que as tome em consideração. Em suma, projecta planos e programas, determina as prioridades pastorais, promove a articulação dos grupos e movimentos na planificação da acção pastoral e estabelece a harmonia e unidade à volta do Pároco.

Na sessão de boas vindas, o nosso Pároco partilhou a alegria de ver renovado, na sua maioria, este Conselho Pastoral, que inicia agora o seu mandato de três anos, pedindo aos conselheiros iniciativa, determinação e perseverança para os desafios pastorais que a todo o momento se colocam.

Do programa constaram, uma reflexão sobre "O Conselho Pastoral Paroquial", a eleição do secretariado permanente e a consulta acerca da constituição da nova Direcção e Conselho Fiscal do Centro Cultural e Social.

Tendo em fundo o tema para este ano pastoral "Edificação de

Comunidades Evangelizadas e Evangelizadoras" o Pároco apresentou os desafios Pós-Jubilares, que, em resumo, passam por uma evangelização dos baptizados, o primeiro anúncio àqueles que não conhecem Jesus Cristo, um maior envolvimento dos jovens através da Pastoral Juvenil, uma atenção especial aos mais idosos ampliando a Pastoral do Idosos, um compromisso com os mais carenciados construindo a Pastoral Social assente num voluntariado responsável, um maior empenhamento em grupos de oração, entre outros.

Relembrou ainda a existência de alguns desenvolvimentos para a construção de um espaço de culto e apoio social nas Torres da Bela Vista e o projecto "Encher o vazio de Bebonuk", que brevemente será divulgado.

Estes desafios foram lançados ao Conselho Pastoral para que, através dos conselheiros, seja dinamizada e envolvida toda a comunidade paroquial, de forma a todos se sentirem corresponsáveis e Pedras Vivas na construção desta Igreja que se pretende actuante e interventiva.

■ CARMELO LUSITANO

A revista Carmelo Lusitano, publicada anualmente pela Ordem do Carmo em Portugal, tem mais um número, à disposição dos leitores. Neste novo número o leitor poderá encontrar um conjunto de estudos que abordam temas actuais de muito interesse para a Igreja. As temáticas abordadas, apresentam-nos verdadeiras experiências que mostram que o encontro com Cristo o Ressuscitado, provoca no homem um novo ardor, torna-nos homens novos. Cristo que é a Porta pela qual cada homem deve entrar, quer-nos felizes, quer que tenhamos vida, e vida em abundância. O presente volume de *Carmelo Lusitano*, é pois uma revista indispensável para qualquer Cristão que se queira actualizado, especialmente para aqueles que comungam de alguma forma o espírito Carmelita.

A revista tem também, como que numa linha de partilha da vida para com toda a grande família Carmelita, algumas notícias e acontecimentos, que surgiram ao longo do ano.

Quem quiser adquirir o presente volume, poderá fazê-lo na secretaria da paróquia. Esperamos que o presente volume da revista *Carmelo Lusitano* sirva a todos e a todos una à volta de Cristo, ontem, hoje e sempre.

■ JOVENS NO JUBILEU DOS DESPORTISTAS

Um grupo de jovens da nossa paróquia, capitaneado pelo Padre Agostinho, está a participar no torneio de futebol de cinco, organizado pela diocese de Lisboa, integrado na comemoração do Jubileu dos desportistas.

Os jogos realizam-se aos domingos à tarde por volta das quatro horas, no colégio dos Salesianos em Manique (Trajouce), perto de Sintra.

Todos os paroquianos que quiserem apoiar a equipa, são bem vindos. A equipa espera uma grande claque!

■ TRADIÇÃO EM SANTO ANTÓNIO

Mais uma vez, um grande grupo de membros da nossa comunidade, durante o mês de janeiro, partiu pelas ruas da nossa paróquia, a cantar as tradicionais janeiras. Foram momentos de verdadeira alegria, tanto para o grupo que cantou e tocou, como para quem assistiu a tão simpático gesto.

Desde já o nosso muito obrigado a todos os que se disponibilizaram, para tão alegre tarefa. Obrigado também a todos aqueles que contribuíram com as suas generosas ofertas para ajudar Timor, que continua a precisar de nossa ajuda. O grupo juntou este ano nas Janeiras, cerca de duzentos mil escudos. Embora seja necessário muito mais, já é uma boa ajuda.

O projecto que a paróquia abraçou, de ajudar a reconstruir e a manter uma escola durante um certo tempo, é também um projecto de todos nós, na medida em que somos membros activos e responsáveis na nossa comunidade.

■ JOVENS AJUDAM A COMBATER A LEPRO

Já desde o mês de outubro do passado ano, que os jovens da nossa paróquia, tem vindo a recolher fundos para ajudar as vítimas da lepra, em colaboração com a *Associação Portuguesa Amigos de Raoul Follereau*.

É doloroso ver que no início do terceiro Milénio, apesar de se ter descoberto à muito tempo a cura, há ainda mais de 12 milhões de leprosos no mundo. Tratar e curar uma vítima de lepra custa apenas a quantia de cinco mil escudos. Os jovens compreenderam tal como *Raoul Follereau*, que amar não é dar mas partilhar, e querem, este ano, salvar muitas vítimas deste flagelo, que felizmente tem cura fácil, só que na maioria das vezes está muito longe. Se já ajudou, obrigado, se ainda não ajudou ajude, pois, ainda pode ajudar a fazer muita gente feliz, afinal é este o objectivo do nosso amor: fazer os outros felizes!

ATENDIMENTO: Pe. Ricardo (Pároco) ⇒ (3ª a Sáb: 10/12 - 16/18 h) Pe. António ⇒ (4ª a 6ª: 16/18 h)

SECRETARIA: ⇒ (3ª a 6ª: 10.00/13.00 - 15.00/19.30 h) (Sáb.: 09.30/13.00 - 15.00/19.30 h) (Dom.: das 10.00/13.00 - 17.00/19.30 h)

MISSAS: Sto. Ant. Cavaleiros ⇒ (3ª a Sáb: 18.30 h) (Dom.: 09.00, 10.15 (*1), 11.30 e 18.30 h)

Torres da Bela Vista ⇒ Sábados: 17.00 h (*1)

Paróquia de S. Julião de Frietas ⇒ Domingos: 10.00 h

CONFISSÕES (*2): Pe. Ricardo (Pároco) ⇒ (4ª e 6ª: 17.30 h) Pe. António ⇒ (5ª: 17.30 h) (Sáb.: 17.30 h)

BAPTISMOS: Atendimento ou Preparação (*3): Pe. Agostinho de Castro ou Frei Imael Teixeira ⇒ 3ª: 21.30 h

Celebração: Domingos: 12.30 h

CASAMENTOS: Atendimento: Pe. António ⇒ 4ª: 21.30 h

Preparação (*4): Equipa CPM

Celebração (*5): Sábados

Notas: (*1) - Missas celebradas durante os meses de Julho, Agosto e Setembro. (*2) - Nas Domingos do Advento e Quaresma haverá CONFISSÕES aos Domingos das 17.30 às 18.30 horas. - Fora destas horas os Padres podem ser solicitados na Secretaria, se estiverem disponíveis. (*3) - O primeiro atendimento aos pais das crianças a baptizar pode ser feito nas horas de atendimento do Pároco ou de P. António. (*4) - As datas dos Encontros de Preparação estão calendarizadas. Haverá encontros de 2 e 4 sessões. (*5) - A celebração do Casamento será, em alternativa de manhã.

A CATEQUESE tem programas e horários próprios.

O EVANGELHO DE LUCAS

O Evangelho que estamos a ler este ano, no ciclo C, é o de Lucas. Abordar e conhecer a obra de Lucas é como que fazer uma viagem até à salvação, oferecida desde as origens a todos os povos da terra por Deus.

Cada um dos quatro evangelistas, oferece-nos uma visão diferente da realidade cristã, oferecem-nos a boa nova de Jesus, a partir do ponto de vista e da problemática de cada autor.

Autor, lugar e objectivo do terceiro evangelho

Segundo a tradição eclesial, Lucas é autor do terceiro evangelho e do livro dos Actos dos Apóstolos, que é de certa forma, como que a sua Segunda parte do evangelho. Temos assim um evangelho em duas partes, uma sobre a obra do Espírito em Jesus, e a outra sobre a obra do Espírito na Igreja nascente. Desde a Igreja antiga, o evangelho de Lucas e os Actos têm sido atribuídos a um mesmo autor. A crítica moderna confirmou este juízo, fundando-o na homogeneidade da linguagem e do pensamento dos dois livros, bem como na simetria do seu objectivo; o evangelho sublinha a subida de Jesus rumo a Jerusalém, onde se realiza o evento pascal: a paixão e ressurreição de Cristo; os Actos relatam a pregação deste evento a partir de Jerusalém até as extremidades da terra (At. 1,8).

A tradição é unânime em dizer que Lucas seria de Antioquia da Síria, não sendo portanto judeu, nem testemunha presencial dos factos que narra. Era um cristão proveniente da gentildade, de cultura grega, e que escreveu com grande talento e sensibilidade, pensando sobretudo nos não-judeus. Seria médico de profissão, tal como refere São Paulo na carta aos Colossenses (4,14). Muitos encontraram a confirmação do facto de Lucas ser médico na precisão das suas descrições das doenças; mas esse traço não é decisivo, pois o vocabulário que ele emprega é o de todo o homem culto de seu tempo. Quanto às suas relações com Paulo, pensa-se que terá sido um seu esporádico colaborador (cf. Flm.24; Col.4,14).

Lucas escreve depois de Marcos (anos 65-70 d.c) e da destruição de Jerusalém (ano 70 d.c.). Pensa-se que a sua obra terá sido composta entre os anos 80 e 85. Não se sabe ao certo o lugar em que a escreveu, só se sabe que não foi na Palestina.

O principal objectivo da obra lucana é oferecer a Teófilo (termo grego que significa todo o amigo de Deus) e a outros cristãos oriundos de ambiente pagão, uma garantia de que a doutrina, o ensinamento e a prática da Igreja nascente, tem base sólida, pois estão arreigados no ministério de Jesus (cf. Lc.1, 1-4).

Lucas apresenta-se, assim, à maneira de um historiador. Ele segue os métodos dos historiadores do seu tempo (cf. Lc. 3,1-2). Mas a história que ele quer apresentar é uma história sagrada. O seu propósito essencial é mostrar o significado dos acontecimentos para a fé: uma fé iluminada pelo evento da Páscoa e pela vida da Igreja.

Portanto o objectivo da obra de Lucas consiste não só em transmitir à geração pos-apostólica uma tradição firme sobre o acontecimento Jesus em continuidade com o povo de Israel, como também em insistir que só dentro desta corrente de raiz e tradição apostólicas, representada por Pedro e por Paulo, se pode ter acesso à salvação que Deus ofereceu ao seu povo. Para a obra lucana, o cristianismo é portanto a continuação lógica do judaísmo.

A obra de Lucas como história de Salvação

O terceiro evangelho apresenta o mesmo esquema geral que os evangelhos de Mateus e de Marcos: uma introdução, a pregação de Jesus na Galiléia, a sua subida a Jerusalém, o cumprimento final, nesta cidade, da sua missão, pela Paixão e Ressurreição. Mas a construção de Lucas é elaborada com esmero; ela visa fazer sobressair nessa história os tempos e lugares da história da salvação. Lucas faz isto de uma maneira completa, ordenada e minuciosa, bem ao estilo de um bom historiador. Mas o seu interesse e estilo de historiador está ao serviço de um objectivo teológico, o cumprimento do plano de salvação de Deus.

A sua obra ao anunciar a salvação de Deus, ensina também o caminho que conduz à mesma, a partir claro das categorias literárias do

seu tempo.

Assim, todo o evangelho mostra a revelação progressiva do mistério do Senhor Jesus, e o gradual conhecimento desse mistério por parte daqueles que terão de pregar a mensagem do Evangelho.

A obra literária de Lucas

Lucas utiliza no seu evangelho uma boa quantidade de material que é comum com Mateus e Marcos, mas tem também muitos elementos que lhe são próprios. Estes elementos são muito variados. São narrações como as da infância (1-2), alguns milagres (7,1-17; 13,10-17; 14,1-6; 17,12-19), cenas de conversão (7,36-50; 19,1-10; 23,40-43), intervenções de Herodes (13,31-33; 23,8-12; cf. 8,3 nota), as aparições pascais (24,13-35.36-53)..., ensinamentos e, sobretudo, uma série de parábolas: o bom samaritano (10,30-37), o amigo que é preciso acordar (11,5-8), o rico insensato (12,16-21), a figueira estéril (13,6-9), o construtor, e o rei que parte para a guerra (14,28-33), a moeda e o filho reencontrados (15,8-10.11-32), o gerente astuto (16,1-8), o rico e Lázaro (16,19-31), o servo que não faz mais que o seu dever (17,7-10), o juiz que se faz de rogado (18,1-8), o fariseu e o cobrador de impostos (18,9-14).

O trabalho redacional de Lucas é considerável, em relação a todo o material da tradição. Isto já se percebeu na "ordem" que Lucas lhe impôs, ao construir o seu livro. Pode-se ainda percebê-lo, comparando as suas composições com os paralelos em Mateus e Marcos. O vocabulário de Lucas aparece muito mais variado, o mais rico de todos os livros do Novo Testamento: a sua linguagem se adapta com plasticidade aos diversos assuntos: o seu grego é geralmente mais correcto do que o de Marcos nas narrações em que Lucas coincide com ele, como em muitas outras passagens mais esmeradas (Lc.1,1-4; 24,13-35).

O seu gosto pela clareza aparece na preocupação em situar as suas perícopes por meio de introduções (Lc.3,15; 4,1; 5,1.12.17.36...) ou em marcar o fim das mesmas por meio de uma conclusão (Lc.3, 18.20; 5,15-16; 9,36.43...).

A arte de Lucas manifesta-se sobretudo na sobriedade das suas observações, que indicam muitas vezes com uma só palavra o patético de uma situação (Lc.2,7; 7,12; 8,42; 9,38...), na tensão dramática das narrações como as de Naim (Lc.7,11-17), da pecadora (Lc.7,36-50), do "bom ladrão" (Lc.23,40-43), ou do encontro de Emaús (Lc.24,13-35), de parábolas como as do bom Samaritano (Lc.10,30-37) ou do filho reencontrado (Lc.15,11-32: "o filho pródigo"). A sua delicadeza é constante, sobretudo quando se aproxima da pessoa de Jesus: ele evita por exemplo as expressões por vezes rudes de Marcos (Lc. 4,1; 8,24.28.45...) e reserva aos discípulos uma fórmula particular para se dirigirem ao Mestre.

Restringindo-nos ao "exame" do evangelho, podemos constatar primeiramente que Lucas declara a sua intenção de apresentar os acontecimentos com esmero, a partir de informações sólidas (Lc.1,1-4); podemos também reconhecer as qualidades de um grande número dos seus dados. A sua preocupação primordial não é descrever os factos em sua exactidão material, mas proclamar a história de Jesus enquanto história da salvação. Ele sentiu-se com a liberdade e com o dever de decifrar os acontecimentos. E faz isto à luz da tradição da Igreja.

Actualidade de Lucas

Lucas apresenta-se como o evangelista talvez mais acessível para o homem de hoje, pois ele está-lhe mais próximo, tanto por sua mentalidade e cultura gregas, como pelo seu gosto e pela sua clareza e preocupação em explicar tudo com sensibilidade e arte. Lucas pode sobretudo ajudar hoje o leitor moderno a ter acesso ao mistério de Jesus: ele mostra-nos o Filho de Deus como Salvador de todos os homens, particularmente atento aos pequenos, aos pecadores e aos pagãos, como Mestre de vida, com todas as suas exigências, mas também com o seu acolhimento e a sua graça, talvez por isso Dante chamava a S. Lucas "o evangelista da misericórdia e do amor de Cristo".

Fr. Ismael Teixeira O. Carm.

O ESPAÇO DOS MAIS NOVOS...

SÃO LUCAS...

JÁ OUVISTE FALAR?

Bom, dele ouvimos dizer que foi um evangelista, porque escreveu um **evangelho**, que quer dizer: **boas notícias de Jesus**.

Mas Lucas teve outras ocupações.

Descobre nesta "sopa de letras", três delas.

A	C	L	T	C	I	H	U
R	M	L	J	O	P	R	S
P	R	E	G	A	D	O	R
D	O	G	D	O	Q	S	V
F	E	X	N	I	M	E	Z
T	H	A	X	M	C	N	O
E	S	C	R	I	T	O	R

Se preencheres os tracinhos com as letras que faltam, descobrirás algumas qualidades de Lucas.
Pede ajuda aos teus pais!

I	-	T	-	L	-	G	^	-	C	-	-
				L	U	C	-	-	E	Z	
		P	-	E	C	I	S	~	-		
S	-	R	-	N	-	D	A	-	E		
						S					

O ESPAÇO DOS MAIS NOVOS...

SÃO LUCAS...

JÁ OUVISTE FALAR?

Lucas não teve sorte de viver com Jesus, mas aprendeu com S. Paulo muitas coisas sobre Ele.

No **Evangelho segundo S. Lucas** podes ler passagens como:

o nascimento de Jesus; Jesus no templo aos doze anos; a história do filho pródigo; a morte e a ressurreição de Jesus; etc.

Descobre agora **6 diferenças** entre estes desenhos.

Pinta-os ao teu gosto.



"Jesus voltou para a Galileia e a sua fama espalhou-se por toda a região."

(Lucas. Capítulo 4, Versículo 14)

TERMINOU O JUBILEU 2000

Sábado passado, quando em Roma eram 9 horas e 54 minutos, o Papa fechou a Porta Santa da Basílica de S. Pedro, encerrando o Jubileu do Ano 2000.

Foi um rito simultaneamente simples e solene, com três momentos principais: o fecho da Porta Santa, o Te Deum de acção de graças e a assinatura da nova Carta Apostólica, um documento com orientações para a vida da comunidade crista após o Jubileu.

Primeiro a meia-porta direita, depois a parte esquerda: o fecho desta 5a porta de bronze da Basílica de S. Pedro, que se abre somente durante os Anos Santos, foi o último acto do Jubileu do ano 2000, e o momento oficial do seu encerramento solene.

No dia em que termina o Jubileu do 2º Milénio do nascimento de Jesus, João Paulo II reafirmou o lema do seu pontificado: "Abri, ou melhor, escancarai as portas da Cristo". Não há contradição: "quando termina um símbolo - afirma - fica mais do que nunca aberto o coração de

Cristo, que convida a humanidade necessitada de esperança e de sentido: Vinde a Mim, vós que estais cansados e oprimidos". A verdadeira herança que o Jubileu deixa à Igreja e ao mundo - explica o Papa - para além das celebrações e de todas as suas iniciativas, é "a experiência viva e consoladora do Encontro com Cristo".

No dia da Epifania, o Papa diz que a Igreja, como a luz que reflecte a luz do Sol, quer continuar a reflectir a luz de Cristo e a ser a estrela que serve de ponto de referência para o homem do séc. XXI. Com o sentido da própria responsabilidade, mas sem triunfalismos, sem auto-exaltação.

Com satisfação, o Papa registou a participação popular tão intensa e o facto de ter aguentado toda a fadiga dos memoráveis 379 dias que durou o Jubileu.

Nos últimos dias do Jubileu, João Paulo II comoveu-se observando das janelas do palácio apostólico a longa fila de peregrinos que aguardavam durante horas o momento de entrarem pela Porta Santa.

PROJECTOS PARA A IGREJA DO SEC. XXI

NOVA CARTA APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II

Foi na praça de S. Pedro, que o Papa assinou com solenidade, pela primeira vez um documento do seu Magistério: a Carta Apostólica *Novo Milénio Ineunte*, que quer dizer: no início do novo Milénio. Neste novo documento o Papa faz em primeiro lugar um balanço do Jubileu, nos seus sectores mais diversos. Passaram por Roma mais de 25 milhões de pessoas, fizeram-se em todo o mundo milhões de celebrações, é pois tempo, de cada Igreja reflectir sobre o que o Espírito disse ao povo de Deus neste especial ano de graça e também no arco mais amplo de tempo desde o Concílio Vaticano II até ao Grande Jubileu. Com tal finalidade, o Papa deseja oferecer nesta Carta, no encerramento do ano jubilar, o contributo do seu ministério petrino, para que a Igreja resplandeça cada vez mais na variedade dos seus dons e na unidade do seu caminho (cf. nº3). Tudo o que aconteceu sob os nossos olhos merece ser ponderado e de certo modo decifrado, para ouvir aquilo que, ao longo deste ano tão intenso, o Espírito disse à Igreja.

O balanço que João Paulo II faz, é mais a nível espiritual, pois para ele foi verdadeiramente a fé que motivou tão grande número de pessoas e celebrações em todo o mundo. O Papa dá por isso graças a Deus, mas evita afirmações triunfalistas, pois ninguém pode medir o que aconteceu verdadeiramente no coração de cada um. É impossível medir o sucesso da graça que, ao longo do ano, tocou as consciências, certamente um « rio de água viva », inundou a Igreja (cf. nº1).

A experiência do ano jubilar modelou-se

precisamente segundo estas dimensões vitais, atingindo momentos de tal intensidade que nos fizeram quase palpavelmente a presença misericordiosa de Deus, do qual provem toda a dádiva e todo o dom perfeito.

O cristianismo é graça, é religião *entranhada na história*, é a surpresa de um Deus que, não satisfeito com criar o mundo e o homem, saiu ao encontro da sua criatura e, depois de ter falado muitas vezes e de diversos modos pelos profetas, falou-nos agora, nestes últimos tempos, pelo Seu Filho Jesus Cristo. Cristo é de facto o fundamento e o centro, o sentido e a meta última da história. Foi por Ele, Verbo e imagem do Pai, que tudo começou a existir. A sua encarnação, que culminou no mistério pascal e no dom do Espírito, constitui o coração pulsátil do tempo, a hora misteriosa em que o Reino de Deus passou a estar ao nosso alcance, no meio de nós (cf. nº5).

Momentos mais marcantes do ano Jubilar

Depois João Paulo II recorda os momentos que considerou mais profundos e verdadeiros durante o ano Jubilar: em primeiro lugar recorda o *Mea culpa* ou seja o pedido de perdão da Igreja inteira, que neste gesto quis recordar as infidelidades de muitos dos seus filhos que ao longo da história obscureceram o seu rosto de Esposa de Cristo. Foi no dia 12 de Março de 2000 na basílica de S. Pedro, que de olhos fixos no Crucifixo, o Papa se fez porta-voz da Igreja, pedindo perdão pelo pecado de todos os seus filhos. «Esta purificação

da memória reforçou os nossos passos no caminho para o futuro, tornando-nos ao mesmo tempo mais humildes e vigilantes na nossa adesão ao Evangelho» (nº6).

Recorda depois o encontro jubiloso e estimulante dos jovens. «Se há uma imagem do Jubileu do ano 2000 que ficará mais do que outras viva na memória, é seguramente a daquela multidão oceânica de jovens com quem pude estabelecer uma espécie de diálogo privilegiado, ditado por uma recíproca simpatia e uma sintonia profunda. (...) Vi-os moverem-se pela cidade, alegres como devem ser os jovens, mas também pensativos, ávidos de oração, de sentido, de amizade verdadeira (...) não será fácil apagar da memória aquela semana em que Roma se fez jovem com os jovens. (...) Os jovens revelaram-se uma vez mais, para Roma e para a Igreja, um dom especial do Espírito de Deus (...) Por isso, vibrando com o seu entusiasmo, não hesitei em pedir-lhes uma opção radical de fé e de vida, apontando-lhes uma missão estupenda: fazerem-se sentinelas da manhã nesta aurora do novo milénio» (cf. nº9).

O Papa recorda para além dos jovens todos os outros peregrinos das mais diversas categorias que participaram nos vários eventos Jubilares: «dos idosos aos doentes e inválidos, dos trabalhadores das fábricas e dos campos aos desportistas, dos artistas aos docentes universitários, dos Bispos e presbíteros às pessoas de vida consagrada, dos políticos aos jornalistas e até aos militares, que vieram reafirmar o sentido da sua missão como um serviço à

paz»(nº10). Outro momento importante foi o **Jubileu das Famílias**, que o Papa apontou ao mundo como « *primavera da família e da sociedade*. Foi verdadeiramente expressivo este encontro jubilar com tantas famílias das mais diversas regiões do mundo, que vieram receber, com novo fervor, a luz de Cristo sobre o designio originário de Deus para elas »(nº10).

Entre os momentos mais tocantes que o Papa teve, encontra-se o **encontro com os presos** da cadeia de Roma. Nos seus olhos ele viu amargura, mas também o arrependimento e a esperança. Para eles, o Jubileu foi a título absolutamente especial um ano de misericórdia.

O Papa recorda depois o seu **Jubileu pessoal à Terra Santa**. É difícil exprimir a emoção que sentiu ao poder venerar os lugares do nascimento e da vida de Cristo. « *Aquela peregrinação foi um momento de fraternidade e de paz que me apraz registar como um dos mais belos dons do evento jubilar*. Recordando o clima vivido naqueles dias, não posso deixar de exprimir sentidos votos duma solução solícita e justa para os problemas ainda inconclusos naqueles lugares santos, amados simultaneamente por judeus, cristãos e muçulmanos »(nº13).

Algumas prioridades pastorais para o século XXI

Depois destas linhas resultantes da experiência jubilar, o olhar do Papa vira-se para o futuro: « *O que realizámos neste ano jubilar não pode justificar uma sensação de saciedade nem induzir-nos a uma atitude de relaxamento*. Pelo contrário, as experiências vividas devem suscitar em nós um **dinamismo novo** »(nº15). Confortada por esta experiência revigoradora, a Igreja deve retomar agora o seu caminho para continuar a anunciar Cristo ao mundo no início do terceiro milénio pois Ele « *é o mesmo ontem, hoje e sempre* »(nº28). « *Sendo assim, não se trata de inventar um programa novo. O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva* (...) É um programa que não muda com a variação dos tempos e das culturas, embora se tenha em conta o tempo e a cultura para um diálogo verdadeiro e uma comunicação eficaz. Este programa de sempre é o nosso programa para o terceiro milénio. Mas, é necessário traduzi-lo em orientações pastorais ajustadas às condições de cada comunidade »(nº29).

O Papa aponta depois algumas prioridades pastorais que a experiência do grande jubileu lhe fez ver: a **santidade** que é o horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral; a **oração** que é uma verdadeira arte a aprender e que dá muito fruto, as nossas comunidades

devem procurar ser verdadeiras escolas de oração; a **Eucaristia Dominical**, que é o centro e « *a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte donde promana toda a sua força* »(nº35), é a Páscoa semanal e o coração do Domingo de todo o cristão; o **Sacramento da Reconciliação**, o qual a Igreja deve propor de forma persuasiva e eficaz, pois constitui para o cristão, a via para obter o perdão dos pecados cometidos depois do Baptismo. É necessário que os Pastores, com criatividade o façam valorizar de novo; o **primado da graça**, pois os bons resultados não dependem só da nossa boa maneira de fazer e programar; a **escuta e o anúncio da Palavra** pois é « *preciso, amados irmãos e irmãs, consolidar e aprofundar esta linha, inclusive com a difusão do livro da Bíblia nas famílias*. De modo particular é necessário que a escuta da Palavra se torne um encontro vital, segundo a antiga e sempre válida tradição da lectio divina: esta permite ler o texto bíblico como palavra viva que interpela, orienta, plasma a existência. Alimentar-nos da Palavra para sermos servos da Palavra no trabalho da evangelização: tal é, sem dúvida, uma prioridade da Igreja ao início do novo milénio »(nº40). Na quarta parte desta Carta, a que o Papa intitula de Testemunhas do Amor ele propõe: « *um decidido empenho programático a nível da Igreja universal e das Igrejas particulares: o da comunhão (koinonia), que encarna e manifesta a própria essência do mistério da Igreja*. (...) Ao realizar esta comunhão de amor, a Igreja manifesta-se como sacramento, ou sinal, e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano »(nº42); Uma **espiritualidade de comunhão** é hoje urgente: Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão é o grande desafio que nos espera; a **variedade das vocações**, ou seja a capacidade que a comunidade cristã tem de dar espaço a todos os dons do Espírito, a unidade da Igreja não é uniformidade, mas integração orgânica das legítimas diversidades; é a realidade de muitos membros unidos num só corpo, « *é necessário que a Igreja do terceiro milénio estimule todos os baptizados e crismados a tomarem consciência da sua própria e activa responsabilidade na vida eclesial*. Ao lado do ministério ordenado, podem florescer outros ministérios em proveito de toda a comunidade »(nº46); o **empenho ecuménico**, é outra coisa que é urgente fomentar, apesar dos sinais já existentes neste campo há ainda muito caminho a percorrer; a **caridade fraterna** é algo em que a igreja tem de apostar, abrindo-se, ao serviço universal, frutificando no compromisso de um amor activo e concreto por cada ser humano. Este âmbito qualifica de modo decisivo a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral. « *A caridade das obras*

garante uma força inequívoca à caridade das palavras »(nº49); há **desafios hoje**, aos quais não podemos ficar indiferentes: « *diante de um desequilíbrio ecológico, que torna inabitáveis e hostis ao homem vastas áreas do planeta? Ou face aos problemas da paz, frequentemente ameaçada com o incubo de guerras catastróficas? Ou frente ao vllipêndio dos direitos humanos fundamentais de tantas pessoas, especialmente das crianças? Muitas são as urgências, a que o espírito cristão não pode ficar insensível* »(nº51); « *compete sobretudo aos leigos, no cumprimento da vocação que lhes é própria, fazerem-se presentes nestas tarefas* »(nº52); *na luz do Concílio Vaticano II, que tanta riqueza, nos deu. « À medida que passam os anos, aqueles textos não perdem o seu valor nem a sua beleza. É necessário fazê-los ler de forma tal que possam ser conhecidos e assimilados como textos qualificados e normativos do Magistério, no âmbito da Tradição da Igreja*. Concluído o Jubileu, sinto ainda mais intensamente o dever de indicar o Concílio como a grande graça de que beneficiou a Igreja no século XX: nele se encontra uma bússola segura para nos orientar no caminho do século que começa. »(nº57).

Para concluir o Papa deseja que: « *Sigamos em frente, com esperança! Diante da Igreja abre-se um novo milénio como um vasto oceano onde aventurar-se com a ajuda de Cristo* »(nº58). Agora Cristo, convida uma vez mais a pormo-nos a caminho a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora; podemos contar com a força do mesmo Espírito que foi derramado no Pentecostes.

No princípio deste novo século, o nosso passo tem « *...de fazer-se mais lesto para percorrer as estradas do mundo*. As sendas, por onde caminha cada um de nós e cada uma das nossas Igrejas, são muitas, mas não há distância entre aqueles que estão intimamente ligados pela única comunhão, a comunhão que cada dia é alimentada à mesa do Pão eucarístico e da Palavra de vida (...) Possa Jesus ressuscitado, que Se põe a caminho connosco pelas nossas estradas deixando-Se reconhecer, como sucedeu aos discípulos de Emaús, «ao partir do pão», encontrar-nos vigilantes e prontos para reconhecer o seu rosto e correr a levar aos nossos irmãos o grande anúncio: «Vimos o Senhor!».

É este o fruto tão desejado do Jubileu do ano dois mil, o Jubileu que apresentou novamente ao vivo, diante dos nossos olhos, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus e Redentor do homem. » (idem).

LITURGIA DA PALAVRA

2 de Fevereiro – APRESENTAÇÃO DO SENHOR - Festa

"O Senhor do Universo é o Rei da Glória."
"Luz para se revelar às nações e glória de Israel, vosso povo."

1ª Leitura: Mal 3, 1 – 4

Sl: 23

Evangelho: Lc 2, 22 – 40

4 de Fevereiro – V DOMINGO DO TEMPO COMUM

"Na presença dos Anjos, eu Vos louvarei, Senhor."
"Vinde comigo, diz o Senhor, e farei de vós pescadores de homens."

1ª Leitura: Is 6, 1 – 2.3 – 8

Sl: 137

2ª Leitura: 1 Cor 15, 1 – 11

Evangelho: Lc 5, 1 – 11

7 de Fevereiro – CINCO CHAGAS DO SENHOR - Festa

"Trespasaram as Minhas mãos e os Meus pés, posso contar todos os Meus ossos."
"Um dos soldados trespasou o lado do Senhor e logo saiu sangue e água."

1ª Leitura: Bar 5, 1 – 9

Sl: 125

2ª Leitura: Flp 1, 4 – 6.8 – 11

Evangelho: Lc 3, 1 – 6

11 de Fevereiro – VI DOMINGO DO TEMPO COMUM

"Feliz o homem que pôs a sua esperança no Senhor."
"Alegrai-vos e exultai, diz o Senhor, porque é grande no Céu a vossa recompensa."

1ª Leitura: Jer 17, 5 – 8

Sl: 1

2ª Leitura: Cor 15, 12.16 – 20

Evangelho: Lc 6, 17.10 – 26

18 de Fevereiro – VII DOMINGO DO TEMPO COMUM

"O Senhor é clemente e cheio de compaixão."
"Dou-vos um mandamento novo, diz o Senhor: amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei"

1ª Leitura: 1 Sam 26, 2.7 – 9.12 – 13.22 – 23

Sl: 102

2ª Leitura: 1 Cor 15, 45 – 49

Evangelho: Lc 6, 27 – 38

22 de Fevereiro – CADEIRA DE S. PEDRO, Apóstolo - Festa

"O Senhor é meu pastor: nada me faltará."
"Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela"

1ª Leitura: 1 Pe 5, 1 – 4

Sl: 22

Evangelho: Mt 16, 13 – 19

25 de Fevereiro – VIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

"É bom louvar o Senhor."
"Vós brilhaiis como estrelas no mundo, ostentando a palavra da vida."

1ª Leitura: Slr 27, 5 – 8

Sl: 91

2ª Leitura: 1 Cor 15, 54 – 58

Evangelho: Lc 6, 39 – 45

28 de Fevereiro – QUARTA-FEIRA DE CINZAS

"Pecámos, Senhor: tende compaixão de nós."
"Louvor e Glória a Vós, Jesus Cristo, Senhor"

1ª Leitura: 1 J 2, 12 – 18

Sl: 50

2ª Leitura: 2 Cor 5, 20; 6, 2

Evangelho: Mt 6, 1 – 6.16 – 18

AGENDA

Fevereiro

2 – Sexta-feira

Adoração do Santíssimo

4 – IV DOMINGO DO TEMPO COMUM

6 – Terça-feira

Reunião de Vigários

Reunião Secretariado de Acção Pastoral (21,30 h)

8 – Quinta-feira

Ultreia dos Cursilhos de Cristandade (21,30 h)

11 – V DOMINGO DO TEMPO COMUM

12 – Segunda-feira

Reunião do Secretariado da Liturgia (21,30 h)

13 – Terça-feira

Centro de Preparação para o Baptismo (21,30 h)

17 – Sábado

Ass. Geral Confraria N.ª. S.ª. do Carmo (16,30 h)

18 – IV DOMINGO DO TEMPO COMUM DIA PAROQUIAL DO DOENTE E DO IDOSO

20 – Terça-feira

Centro de Preparação para o Baptismo (21,30 h)
Reunião da Vigararia

22 – Quinta-feira

Ultreia dos Cursilhos de Cristandade (21,30 h)

24 – Sábado

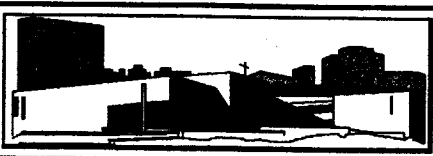
Ultreia dos Cursilhos de Cristandade (21,30 h)

25 – VII DOMINGO DO TEMPO COMUM FESTA DO PALMOSSO - 1.ª CATECISMO (19,15)

28 Quarta-feira

Quarta-feira de Cinzas

Imposição das Cinzas (18,30 e 21,30 h)



Comunidade em Movimento CONVIDA-TE:

Sê, como Lucas, um anunciador da amabilidade de Deus em Jesus Cristo!

Coordenação: Frei Ismael Teixeira, Abílio Casaleiro, Agnelo Noronha, Altamiro Figueira, Artur Morão, Dimas Pedrinho, Sónia Ferreira.

Colaboradores permanentes: Luís Figueiredo, Manuel Carvalho, Rosa Churro

Impressão: Berna & Paula, Lda Tiragem: 1000 Exemplares

Propriedade: FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE STO. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - Av. Francisco Pacheco - 2670 SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - Tel. 219 884 366

E-mail: comunidade.movimento@mail.pt

INTERNET:- www.paroquia-sac.web.pt

Comunidades Evangelizadas e Evangelizadoras